

Artur: De Guerreiro a Rei Cristão nas Fontes Medievais Latinas e Célticas

Profa. Ms. Adriana Zierer
Doutoranda em História/ UFF
medival@domain.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar Artur nas fontes medievais latinas e célticas. É possível perceber que a imagem de guerreiro apresentada por Nennius (c. 800) muda para a de rei cristão a partir da *Historia Regum Britanniae* (1135-1138), de Geoffrey de Monmouth. Também apresento Artur na literatura céltica (no conto *Kulwch e Olwen*), no poema *Gododin*, de Aneirin (c. 600) e em *Preideu Annwvyn* (Os Despojos do Outro Mundo), (do século X), sobre uma fracassada viagem de Artur ao Outro Mundo em busca do caldeirão da abundância. Em todas essas narrativas predominam os seguintes aspectos do rei mítico: valentia, generosidade e força, valores estes que continuaram em obras posteriores sobre Artur desenvolvidas na Baixa Idade Média. É também possível perceber que o mito do Graal e sua relação com Artur tem sua origem na literatura céltica.

Palavras-chave: Artur, Guerreiro, Rei Cristão

Abstract

The goal of this paper is to present Arthur in Medieval Latin and Celtic sources. It is possible to perceive that the warrior's image presented by Nennius (c. 800) changes to the one of a Christian king since *Historia Regum Britanniae* (1135-1138), by Geoffrey of Monmouth. I also present Arthur in Celtic sources (such as in the tale *Kulwch and Olwen*), in the poem *Gododin*, by Aneirin (c. 600) and in *Preideu Annwvyn* (The Spoils of the Underworld) (10th century), about one failed Arthur's expedition to the Otherworld in search for the magic cauldron of plenty. All those narratives verse about the following aspects of the mythical king: mightiness, generosity and strength, aspects that continued to appear in further works about Arthur developed in Low Middle Ages. It is also possible to perceive that the Grail myth and its connection to Arthur have its origin in Celtic literature.

Keywords: Arthur, Warrior, Christian King



Fig 1. Rei Artur em combate contra os bárbaros, com o estandarte do dragão. Século XIV. Biblioteca Nacional de Paris. In: ROLLESTON, T.W. *Guia Ilustrado de Mitologia Céltica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 125.

A figura de Artur como rei foi construída do século VI ao século XII quando o mito — até então forma de resistência dos bretões contra os seus dominadores, os saxões — foi relido pelos invasores normandos, tornando-se modelo de conduta régia em toda a Europa Ocidental.

Como o mito (1) arturiano surgiu primeiro entre os bretões, seria interessante situar historicamente esta população. Povo de origem céltica, habitantes da Bretanha, os bretões viviam em tribos rivais entre si, sendo liderados por um chefe ou rei. Acreditavam na existência do Outro Mundo, povoado por vários deuses, sempre em contato com os vivos.

Um relato ilustrativo da passagem dos celtas ao Além é o conto *Pwill, Príncipe de Dyvet*. Esta fonte relata a troca de papéis entre Pwill, do mundo dos vivos, com o rei do Outro Mundo, Arawn. Cada um assume a identidade e forma física do outro, sendo que Pwill reina no mundo dos mortos e dos deuses por um ano. Sua principal prova consistia em matar um oponente de Arawn, no que foi vitorioso. Como prêmio, ao voltar ao mundo dos vivos, passa a ser conhecido como Pwill, príncipe de Awnnwvyn (isto é, príncipe do Outro Mundo) (*Mabinogion*, 1988: 03-43).

Devido à sua falta de unidade política, a população celta sofreu conquistas sucessivas. No século I, foram atacados pelos romanos. Estes, apesar da dominação realizada, protegeram os bretões de outros invasores através da construção das muralhas de Adriano. Os romanos também não interferiram muito na cultura céltica, apesar de terem perseguido os druidas. O druidismo era forte na Bretanha e se constituía num perigo para o pensamento e a política dos romanos. No ano 61, por exemplo, foram massacrados os druidas de Anglesey e destruído esse grande santuário do druidismo. No entanto, em busca de aliados compreensivos nesta região longínqua do Império Romano, a romanização na região não foi profunda e foi permitido na Bretanha a manutenção da hierarquia céltica tradicional (MARKALE, 1994: 152-156).

Mas, com o fim do Império Romano no século V, os bretões passaram a sofrer o ataque de outros povos que pretendiam conquistar a ilha: os escotos, pictos e saxões. É

bom lembrar que os escotos (irlandeses) e pictos (escoceses) eram também povos de origem céltica, mas sempre estiveram em conflito com os bretões. No século VI, sob a chefia dos saxões conseguiram dominar a Bretanha.

Neste momento, os bretões passaram a difundir histórias sobre a existência de um rei perfeito, Artur, que um dia retornaria da Ilha de Avalon e retomaria o controle da Bretanha, expulsando os invasores. Foi assim que surgiu o mito arturiano.

Estas histórias se espalharam pois muitos bretões após a dominação saxã refugiaram-se na Armórica ou Pequena Bretanha.

A existência de Artur não é atestada pela historiografia. Se existiu, teria sido um chefe guerreiro (*dux bellorum*) vencedor de várias batalhas contra os saxões, sendo a mais importante a batalha do Monte Badon, já no século VI.

Por isso, após a derrota dos bretões, as histórias construídas em torno da imagem de Artur se tornaram um meio de resistência à dominação através das idéias. O elemento básico do mito é a crença de que ele é uma realidade vivida, isto é, as pessoas acreditam que o mito é real.

Com a invasão normanda sobre a Bretanha, houve uma apropriação do mito arturiano, pois os conquistadores criaram uma nova interpretação sobre Artur, procurando apresentar-se como descendentes do rei bretão. Entendo o conceito de **apropriação** como uma nova interpretação de um discurso (ato de comunicação linguística). (ROMANO, 1989) Para Chartier as práticas discursivas são “produtoras de ordenamento, afirmação, distâncias, divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação”(CHARTIER, 1988: p. 27-28).

Artur, transformado então em modelo de rei cristão, portava agora uma dupla ambigüidade; possuía a espada Caliburn, forjada no Outro Mundo e o escudo com a imagem da Virgem Maria, símbolo da religião cristã. Neste segundo momento, a figura de Artur continuou como um mito, pois transformou em modelo de rei perfeito, espelho dos reis medievais, um rei que nunca havia existido.

Procurarei agora apresentar as principais fontes sobre o mito arturiano, lembrando que este relaciona-se estreitamente à narrativa, pois o mito expressa-se através de um relato.

A partir do século XII, começou a ser construído por escrito na Europa Ocidental o mito do rei Artur. Esta imagem do soberano perfeito, senhor de uma cavalaria modelo é particularmente interessante por ter sido utilizada para fins políticos por diversos grupos dominantes na época — rei, nobreza, clero, cada qual visando fortalecer o seu poder.

As histórias sobre Artur e seus cavaleiros não compõem um único ciclo ou conjunto de narrativas. Pelo contrário, independentes umas das outras, têm em comum alguns elementos. Artur, seja personagem central ou secundário, é sempre apontado como rei justo, congregando ao redor de si uma corte valorosa. Quando sua atuação bélica é mencionada, seu papel como guerreiro excepcional é sempre louvado.

O mito construído pelos bretões era bem diferente daquele imaginado pelos escribas desde o século XII, os quais só conservaram elementos superficiais das histórias tradicionais e as reescreveram de acordo com os gostos e interesses das cortes européias.

Tratarei a seguir das fontes arturianas, fazendo um mapeamento das mesmas e não apresentando a visão de uma história única e linear sobre Artur.

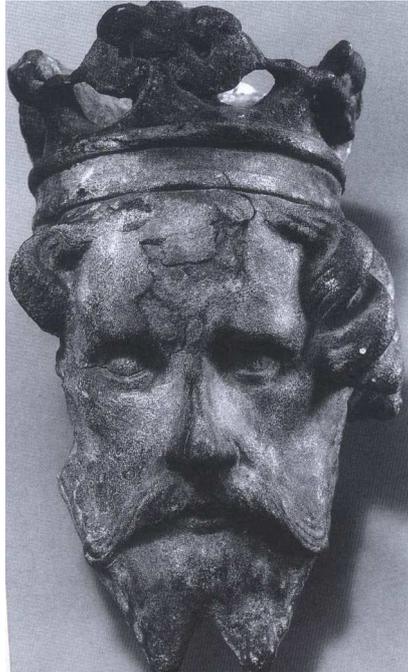


Figura 2. Rei Artur. Escultura alemã do século XIII. Germanisches Nationalmuseum, Nuremberg.

II.1. FONTES LATINAS

II.1.1. Geoffroy de Monmouth

A obra que favoreceu a difusão das lendas arturianas na Europa Ocidental foi a *Historia Regum Britanniae* (1135-1138), do clérigo Geoffroy de Monmouth. Não que esses relatos não fossem conhecidos, como se pode atestar pela presença de esculturas de Artur e Guenièvre na catedral de Módena, na Itália, antes da obra de Geoffroy (BRUNEL, 1997: 102, MARKALE: 1994, p. 101). Porém, foi a dinastia anglo-normanda, conquistadora da Inglaterra no século XI, a primeira a se apropriar do personagem Artur para fins políticos, com o objetivo de reforçar seu poder.

O relato é uma mistura de crônica histórica e canção de gesta. Enquanto a crônica trata de fatos contados na ordem de sua sucessão, codificando esses fatos e suas datas ano a ano, reino a reino, numa narrativa sucinta e linear, a canção de gesta é um longo poema de tema guerreiro (épico). Era cantada com auxílio de um instrumento de cordas e sua temática eram as lutas da Alta Idade Média para a conquista de territórios, nos quais os heróis lutam contra os inimigos dos cristãos. As canções de gesta foram compostas nos séculos XII e XIII e fazem parte da literatura aristocrática. Os poemas mais famosos são *A Canção de Rolando* e *A Canção do Mio Cid*.

Embora cite vários reinados, o que a caracterizaria como uma crônica, a *Historia Regum Britanniae* não é linear; por exemplo, o anúncio do nascimento de Artur por Merlin é uma antecipação (2). O relato de Geoffroy aproxima-se das canções de gesta porque Artur é apresentado como guerreiro invencível. O fato de ser um rei guerreiro em luta com os pagãos e de empreender uma guerra santa contra eles era um motivo do gênero épico.

O texto é ambíguo, misturando ficção e história. Ao tentar dar veracidade à sua narrativa, o autor cita duas fontes: *De Excedio et Conquestu Britanniae*, de Gildas (século VI) e *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (século VIII), de Beda, embora utilize também informações da *Historia Brittonum*, de Nennius (século IX). Apesar de citar estas fontes se apresenta como tradutor de uma fonte bretã única para o latim.

O objetivo da *Historia Regum Britanniae* é a exaltação dos bretões, procurando fazer uma história genealógica para legitimar os grandes senhores normandos, e logo depois a dinastia dos Plantagenetas. O texto fora uma encomenda da corte de Henrique I (1100-1135), avô de Henrique II e então rei da Inglaterra. A obra é dedicada ao conde Roberto I, filho ilegítimo de Henrique I, tendo sido concluída após a sua morte, já no governo de Estevão de Blois (1135-1153). A dedicatória pode ser vista através destes versos: “Tu também Roberto, conde de Gloucester (...) fazes com que esta obra traga um brilhante sucesso com o público. Tu és um descendente do ilustre rei Henrique.” (GEOFFROY DE MONMOUTH (HRB), 1985: 26).

De acordo com o tradutor Matthey-Maille, Roberto I foi protetor não apenas de Geoffroy, como também incentivou a segunda e terceira edições da *Historia Regum Anglorum*, de William de Malmesbury, composta entre 1135-1140 e que é também dedicada a este conde. Embora a maioria dos manuscritos da *Historia Regum Britanniae* sejam dedicados a Roberto, alguns fazem uma dupla menção, referindo-se ao conde de Gloucester e ao conde de Meulan, Galeran. (MATHEY-MAILLE, 1985: p. 289).

Geoffroy usa livremente suas fontes sem se preocupar em ser fiel ou respeitar o conteúdo das mesmas. Quanto à fonte bretã que ele diz traduzir, foi certamente, uma invenção para dar legitimidade a seu texto e conferir-lhe autoridade (HRB, 1985: 14).

O texto pretendia valorizar o glorioso passado dos bretões, identificando-os aos normandos, os quais se apresentavam como continuadores da linhagem bretã através de seu mais nobre representante, Artur.

Além disso, existe uma clara relação entre Artur e Rolando, o herói da canção de gesta francesa. Os anglo-angevinos pretendiam dar uma resposta literária ao rei da França, apresentando um herói guerreiro à altura de *A Canção de Rolando*, cujo personagem central é ligado à figura de Carlos Magno e conseqüentemente à dinastia capetíngia.

A Canção de Rolando é um poema escrito entre os fins do século XI e meados do século XII, que contém 4002 versos decassílabos assonânticos. Baseia-se num fato real do reinado de Carlos Magno, a batalha de Roncesvales, na qual morreu Rolando, sobrinho do rei. No relato, que mistura elementos fantasiosos, o motivo da derrota dos cristãos é a traição de Ganelão, nobre da corte do rei que se alia aos muçulmanos em virtude de vingança pessoal contra o enteado Rolando. Este último é apresentado como exemplo de bravura, juntamente com outros doze cavaleiros, denominados os Doze Pares da França.

Na obra o monarca francês é apresentado como o único capaz de impedir os infiéis de dominarem a Europa. Como resposta, Henrique Plantageneta, vassalo do rei Luís VII e rei da Inglaterra, encomendou a Robert Wace a transcrição para o francês dos versos de Geoffroy, que apresenta a história de um rei expansionista, conquistador de trinta reinos e de Roma. Artur, assim como Rolando, também combatia pela Cristandade ao expulsar os pagãos da Bretanha: os saxões, escotos e pictos. O primeiro chega a conquistar a França, então sob domínio romano.



Figura 3. Rei Artur. Detalhe da tapeçaria francesa *Os Nove Cristãos Notáveis*. Século XIV.

Sobre o uso político de figuras como Rolando, Carlos Magno e Artur, é interessante este trecho de Georges Duby:

o poder de Henrique (II) enraizava-se fortemente no reino de França. Embora se estendesse para lá da Mancha, onde o príncipe era rei. Na rivalidade que o opunha ao Capetíngio, o Plantageneta apoiava-se nesse cargo insular. Facilmente ia buscar à cultura das ilhas britânicas os materiais de um edifício ideológico construído contra a ideologia da realeza franca. Sabe-se como os literatos que escreviam sob encomenda exploraram a ‘matéria da bretanha’, erguendo ante a figura de Carlos Magno, a do rei Artur (DUBY, 1982: 313).

O monarca bretão portava elementos pagãos e cristãos: uma espada (Caliburn) forjada no Outro Mundo, mas seu escudo Pridwen, a quem sempre apelava nas batalhas, continha a imagem da Virgem Maria (HRB, 1985: 208-209).

A morte de Artur ocorre devido à traição de Mordret, que usurpa o trono quando o tio empreendia a conquista de Roma. Até então invencível, Artur é mortalmente ferido na luta contra o sobrinho, indo a seguir à Ilha de Avalon para curar seus ferimentos. A obra de Geoffroy não diz, no entanto, se Artur algum dia retornará, como afirmavam as velhas crenças.

A conquista dos bretões é vista no seu livro como um castigo divino. Com o domínio saxão, uma série de calamidades se abatem sobre o país, como a peste e a fome. O último rei bretão, Cadwallader, refugia-se na Armórica, e recebe de um anjo um aviso para se dirigir ao papa de Roma, onde morre. A ressurreição dos bretões é prometida para um dia no futuro, graças à fé cristã (HRB, 1985: 259-285).

Numa obra posterior de Geoffroy de Monmouth, *Vita Merlini* (1148), Artur também não retorna de Avalon para salvar seu país. De acordo com as profecias de Taliesin, serão Cadwallader e Conan que mais tarde libertarão a Bretanha:

Na *Vita Merlini* (...), o papel de messias é igualmente recusado a Artur numa conversa onde Taliesin aconselha a enviar mensageiros até a Ilha de Avalon, a fim de trazer de volta o grande rei para expulsar os saxões. Serão Cadwallader e Conan, que segundo as profecias de Merlin, deverão ser mais tarde os libertadores do país (SÉCHELLES, 1957: 187).

A suposta descoberta dos túmulos de Artur e Guenièvre na abadia de Glanstonbury em fins do século XII também parece contribuir com a idéia de que o rei realmente estaria morto, procurando sepultar a idéia bretã de que um dia conseguiriam retomar o controle da Ilha.

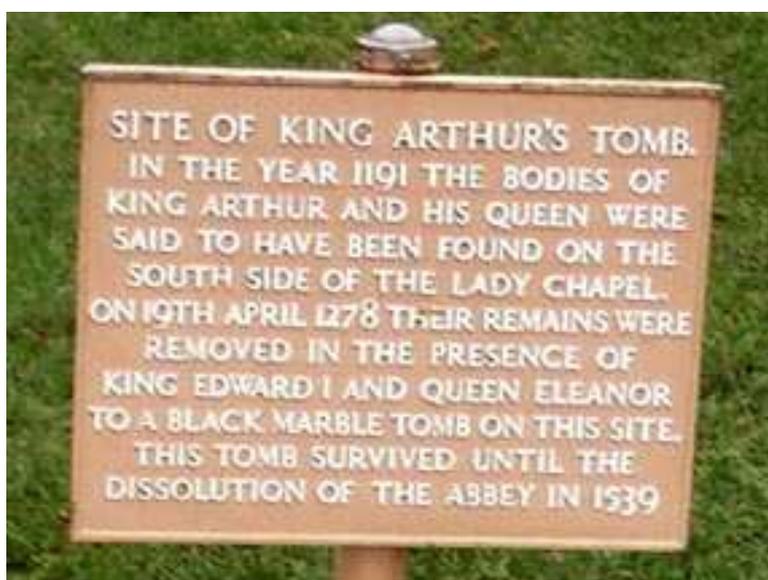


Figura 4. Placa do local onde estão supostamente enterrados Artur e Guenièvre diante das ruínas da Abadia de Glanstonbury. Os restos mortais do rei e rainha foram sepultados em 1278, por ordem do rei Eduardo I.

II.1.2. São Gildas

Nas primeiras fontes latinas sobre os bretões a figura de Artur não é mencionada. A obra mais antiga é *De Excedio et Conquestu Britanniae* (540), do clérigo bretão Gildas. Seu opúsculo tinha por objetivo principal chamar atenção para os pecados morais dos bretões, motivo pelo qual, segundo o religioso, eles haviam entrado em decadência. De acordo com Jean Markale, ele pretendia apenas ‘vituperar contra os vícios e fraquezas dos bretões’ (MARKALE, 1994:193). Por isso, Gildas chama atenção para a necessidade de arrependimento pela “corrupção moral” dos bretões. O autor relata a vitória dos bretões no Monte Badon, que é atribuída ao romano Aurelius Ambrosius:

“(...) tomaram armas sob o comando de **Aurelius Ambrosius, um homem modesto**, que de toda a nação romana estava então sozinho (o qual) na confusão deste conturbado período, havia por acaso permanecido vivo. Seus pais, que por seu mérito tinham sido adornados com púrpura, foram assassinados nestes mesmos tumultos, e agora nestes nossos dias sua descendência, embora vergonhosamente degenerada pela falta de valor de seus ancestrais, provocou à batalha seus cruéis conquistadores, e pela bondade do nosso Senhor obtiveram a vitória. (o grifo é meu) (GILDAS, Cap. 25/26)

Não só a obra de Gildas e de Geoffroy de Monmouth, mas também todos os textos latinos da história bretã exprimem esta idéia de decadência do povo bretão (SÉCHELLES, 1957: 185).

II.1.3. Beda

A obra do monge saxão Beda, *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (731) exerceu grande influência por toda a Idade Média. Relata a história da conversão da Inglaterra ao cristianismo e a história da Igreja Inglesa até a época que foi escrita (LOYN, 1989). É uma das fontes citadas por Geoffroy de Monmouth em sua *Historia*, mas também não cita Artur.

II.1.4. Nennius

Foi *Historia Brittonum* (aproximadamente ano 800) (3) do historiador galês Nennius, a primeira fonte latina a mencionar Artur, apresentado como *dux bellorum* (chefe guerreiro). O livro descreve as doze batalhas contra os saxões vencidas pelos bretões sob seu comando:

Então Artur juntamente com os reis da Bretanha lutou contra eles (os saxões) naqueles dias, **mas Artur mesmo era um comandante militar [“dux bellorum”]**. Sua primeira batalha foi na foz do rio que é chamado Glein. Sua segunda, terceira quarta e quinta batalhas foram acima de um rio chamado Douglas (...). A sétima batalha foi na floresta de Celliddon (...). A oitava batalha foi na fortaleza de Guennion, na qual **Artur carregou a imagem de Santa Maria sempre virgem sobre seus ombros; e os pagãos foram postos em debandada nesse dia**. E sob o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo e sob o poder da sagrada Virgem Maria, sua mãe, houve uma grande mortandade entre eles. A nona batalha foi travada às margens da Cidade das Legiões. A décima batalha foi travada às margens do rio Tribuit. A décima primeira batalha foi realizada na montanha Agnet. **A décima segunda batalha foi no Monte Badon no qual caíram em um dia novecentos e sessenta homens de uma**

investida de Artur e ninguém os golpeou exceto o próprio Artur, e em todas as batalhas ele saiu como vencedor. (os grifos são meus)
(NENNIUS, <http://www.ricardocosta.com/nennius.htm>)

A obra menciona a marca do cão de Artur, Cabal, quando ele caçava o javali Troit. Este animal é mencionado num relato galês redigido posteriormente, *Kulwlch e Olwen*, mas que remonta a um período bem anterior que a obra de Nennius:

Existe outra maravilha na região que é chamada Buelt. (...) Quando **Cabal, que era o cão de Artur, o guerreiro**, estava caçando o porco Troynt (4), ele imprimiu sua pegada na pedra e depois Artur reuniu uma pedra num monte abaixo da pegada de seu cão e (o local) foi chamado de Carn Cabal.

Nennius menciona o túmulo de Amr, filho de Artur, mas nada diz sobre a morte do *dux bellorum*:

Uma lápide, localizada lá (em Ercing) próxima de uma fonte que é chamada Licat Anir. E o nome do homem que está enterrado na sepultura é chamado assim: **Anir. Ele era o filho de Artur, o guerreiro, e o próprio Artur o matou e o enterrou neste local.** (o grifo é meu)
NENNIUS, <http://www.ricardocosta.com/nennius.htm>)

Por volta de 950, os *Annales Cambriae* confirmam as vitórias de Artur e afirmam que Artur e Medraut morreram em 537, na batalha de Camlan. “É a primeira menção do que se tornará mais tarde a última batalha entre Artur e Mordret, sem que se saiba se para o autor dos *Annales Cambriae* os dois eram adversários e mataram um ao outro, como será contado a partir de Geoffroy de Monmouth (BRUNEL, 1997: 101)”. É interessante observar na fonte as notícias sobre Artur:

518 A batalha de Badon na qual Artur carregou a cruz do Nosso Senhor Jesus Cristo por três dias e três noites nos seus ombros e os bretões foram vitoriosos.
539 *Gueith* Camlann (A Batalha de Camlan) na qual Artur e Medraut (Mordred) caíram, e houve uma grande mortandade [praga] na Bretanha e Irlanda.
(*Annales Cambriae*, 1995: 288)

Como é possível observar, os dados acerca do ano 518 é bastante semelhante à descrição de Arthur na *Historia Brittonum*, pois naquele Artur carrega um objeto cristão (a cruz de Cristo enquanto na obra de Nennius era a imagem da Virgem) e é vencedor nas batalhas contra os saxões. Os acontecimentos citados no ano 539 complementa a versão da *Historia Brittonum* sobre a morte do filho de Artur. Mordred será sempre considerado como filho incestuoso de Arthur nas obras posteriores ou as vezes é apresentado como seu sobrinho, porém que nutre uma relação de pai-filho com ele por querer roubar a sua esposa, como no caso da *Historia Regum Britanniae*.

Em fins do século XI foram escritas em latim Vidas de Santos galeses (*Vida de São Patern, S. Cadoc e S. Caratoc*), nas quais aparecem as figuras de Artur, Bedwier e

Kai. “Artur faz o papel tradicional do rei cuja arrogância e más tendências acabam por ceder diante do poder do santo” (BRUNEL, 1997: 102, FARAL, 1929, I: 236-244, FURTADO, 1995: 21-24).

II.1.5. William de Malmesbury

O livro de William de Malmesbury, *Gesta Regum Anglorum* (1125) também apresenta Artur como guerreiro vencedor do Monte Badon. Fala do túmulo de Walwen (Gauvain) sobrinho de Artur, mas diz que o túmulo de Artur não foi encontrado e que as lendas dizem que ele vai voltar: ‘como o túmulo de Artur não se vê em lugar nenhum, as velhas lendas dizem que ele voltará’ (FARAL, 1929, I: 244-252, BRUNEL, 1997: 102).

Como vimos, os aspectos de Artur nas fontes latinas, não foram sempre os mesmos, mas existe convergência do atributo guerreiro.

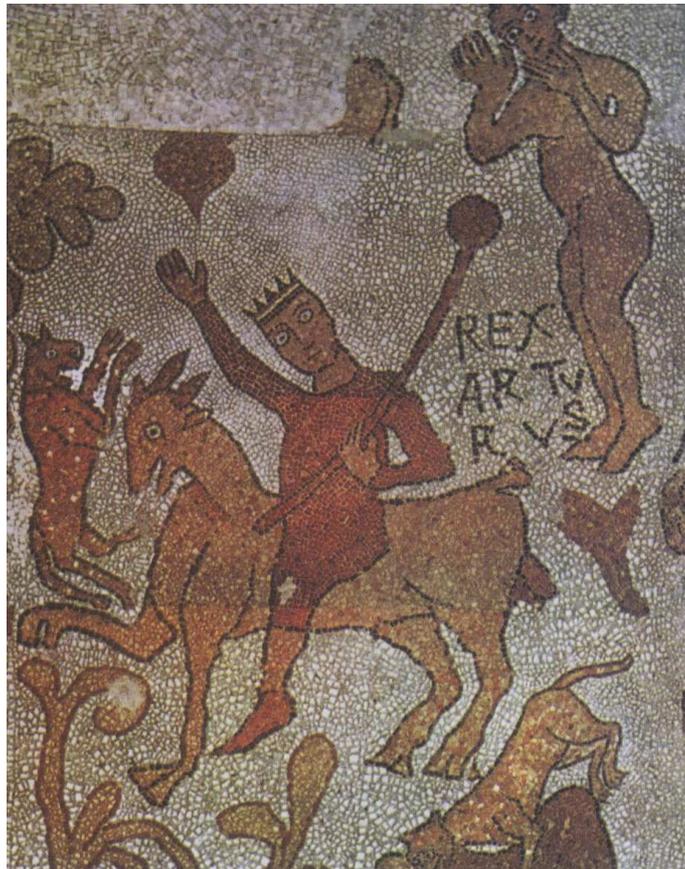


Figura 5. Artur na catedral de Otranto, com elementos pagãos. Mosaico do século XII. Itália.

II.2. FONTES CÉLTICAS

II.2.1. *Kulwch e Olwen* (anônimo)

A obra mais significativa sobre Artur é o conto *Kulwch e Olwen*, primeira fonte arturiana a citar a corte de Artur e seus principais guerreiros, remontando ao século VII (MARKALE, 1994: 233). Esta narrativa consta numa coletânea de contos galeses, o *Mabinogion* (5). Os contos começaram a ser postos por escrito por volta do século XII quando por causa da invasão normanda os chefes locais resolveram mandar escrever narrativas que haviam circulado oralmente por muitos séculos, como forma de manter as tradições (*Mabinogion*, 1992: XXI).

As histórias foram preservadas em duas fontes galesas: *The White Book of Rhydderch* (1300-1325) e *The Red Book of Hergest* (1375-1425), sendo traduzidas para o inglês inicialmente por Lady Charlotte Elizabeth Guest entre 1838 e 1849, constituindo uma coletânea de onze contos. Destes contos, alguns são denominados “os quatro ramos do *Mabinogion*” (histórias sobre Pwill, Branwen, Manawydan e Math, as quais possuem fundo mitológico e contraponto com as sagas irlandesas do *Tuatha Dé Dannan*). Outras são classificadas como ‘contos independentes’ e um terceiro grupo consiste de três narrativas arturianas tardias associadas posteriormente ao ciclo, como por exemplo *A Dama da Fonte* (ELLIS, 1992: 150).

Existem três relatos no *Mabinogion* que encontram paralelo na obra de Chrétien de Troyes: *La Dame de la Fuente*, *Peredur, hijo de Evrawc* e *Gereint, hijo de Erbin*. Esses contos correspondem respectivamente a *Ivain ou o Cavaleiro do Leão*, *Perceval, ou o Conto do Graal* e *Erec e Enide* (*Mabinogion*, 1988: XV, MARKALE: 1985: 152-153). Por muito tempo, considerou-se que eram adaptações galesas dos romances em verso de Chrétien, mas atualmente a conclusão é que esses dois tipos de narrativa provenham de uma fonte comum. Os relatos galeses tem desenvolvimento diferente da narrativa do poeta francês (MARKALE, 1985: 152-215).

No conto *Kulwch e Olwen*, Artur, não é personagem central. O jovem Kulwch deseja casar-se com Olwen, filha do feiticeiro Yspaddaden Penkawr, e recorre ao primo Artur e a seus guerreiros para enfrentar uma série de aventuras, sendo ao final, vitorioso. No relato são citados os principais companheiros de Artur: Bedwir, Kai e Gwalchmei (*Mabinogion*, 1988: 99-141). Na *Historia Brittonum*, de Nennius (século VIII), aparece a caça ao javali Tchwr, que faz parte da história de *Kulwch*, demonstrando assim a antigüidade desta última.

É recorrente nas lendas célticas a relação entre o herói e o Outro Mundo, representado pelos deuses ou forças sobrenaturais. O herói, como Kulwch, deve passar por provas para demonstrar que merece o conhecimento ou a soberania, no conto, representado por Olwen.

Uma das características das histórias de fundo céltico é o dom ou presente, que não pode ser negado pelo rei, ainda que ele não saiba do que se trata, ocasionando uma ameaça ao seu poder. O dom significa uma relação de equilíbrio entre o mundo temporal, representado pelo monarca e o Outro Mundo, representado pelos deuses. Por isso, quando Kulwch lhe pede a concessão de um desejo, Artur concorda, mas com as seguintes reservas:

obtendrás el presente que nombren tu boca y tu lengua a
excepción de Kaledvwlch, mi espada (Excalibur);
Rongomyant, mi lança (a lança Ron), Gwyneb Gwrthucher,

mi escudo, Karnwenhan, mi cuchillo e Gwenhwyvar, mi
mujer (*Mabinogion*, 1988: 104).”

Artur assim procede limitando os dons e negando seus bens mais preciosos, como a espada e sua esposa Guenièvre porque em outras narrativas, o rei poderia perder seu mais precioso tesouro, como ocorre com Pwill, Príncipe do Dyvet. Por ocasião de sua festa de noivado com Rhiannon um estranho aparece na corte, pede um dom, o rei concede o que ele desejar e o estranho lhe pede a noiva, no que é obrigado a aceitar. Só depois de muitas peripécias, Pwill consegue retomar a amada (*Mabinogion*, 1988: 03-43).

Nas histórias célticas, Artur e seus companheiros são apresentados como a personificação dos deuses, misturando elementos humanos e divinos. A maioria deles tem o nome ligado a animais, como por exemplo Gwalchmei (mais tarde, Gauvain), falcão de maio, que ficava mais forte ao meio dia, estes dois aspectos representando seu caráter divino (MARKALE, 1994: 297).

Em galês a palavra *arth* significa urso. O significado do urso (*arth*, em galês) está em oposição simbólica ao javali, que representa o poder espiritual. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1995: 84, MARKALE, 1986: 173). Pode-se fazer uma analogia entre os ursos que hibernam no inverno e o rei Artur, que segundo algumas lendas estaria numa caverna. O urso também está relacionado às constelações da Ursa Maior e Menor. Os galeses chamam de Cerbyd Artur (carro de Artur) as constelações da Ursa Maior e Menor (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1995: 84). Artur está ligado aos significados de *ar* (trabalhador em indo-europeu) e *arta* (ordem, proveniente do sânscrito), representando uma espécie de Deus Agricultor e Caçador, que garante a prosperidade (MARKALE, 1994, 297-298).

De acordo com o mito original elaborado pelos celtas, Artur e seus companheiros são a personificação dos deuses. Artur é um guerreiro excepcional, considerado um garantidor da prosperidade do país por ter ligações com o sagrado, sendo considerado uma espécie de Deus Caçador e Agricultor, como já vimos. A função do rei céltico é a de dar, exercer a largueza. É submetido a uma série de interditos e obrigações, devendo servir a comunidade e conceder dons, sem poder recusar, mesmo sem saber do que se trata. Em vários relatos os reis perdem suas esposas e até o reino ao conceder o dom (MARKALE, 1985: 182).

Os primeiros companheiros de Artur aparecem no relato galês *Kulwlch e Olwen* e são eles Kai, Bedwir e Gwalchmei (MARKALE, 1994: 270-272). Kai podia respirar nove dias e nove noites sem água e sem dormir. Um golpe dado por sua espada não podia ser curado. Além disso, podia através de seu corpo fazer fogo para aquecer os companheiros, representando assim uma divindade do fogo. Companheiro inseparável deste era Kai, que sempre os acompanhava nas aventuras. Embora só tivesse uma mão (valor mitológico, característica do Deus germano Tyr) era muito habilidoso com as armas. Sua lança produzia um ferimento ao entrar e nove ao sair.

“Tyr é associado à lei, à justiça, e à ordem social. É representado como possuindo uma só mão, fruto de um acidente, motivado por um gesto de lealdade e de respeito às regras do jogo, tão caros aos povos germânicos, e por esta razão preside aos julgamentos e à palavra empenhada.” (MELEIRO, 1994: 80).

Gwalchmei era um herói solar: de manhã tinha a força de um bom cavaleiro, à hora da terça seu valor dobrava e ao meio dia quadruplicava.

Conforme demonstrei, os heróis da saga arturiana original eram imbuídos de poderes mágicos. Quanto à Guenièvre simboliza na tradição bretã a Grande-Mãe, a própria Bretanha, a soberania (MARKALE, 1994: 242-243 e 259-260).

II.2.2. Gododdin, de Aneirin

A primeira menção bretã conservada sobre Artur é a elegia galesa *Gododdin*, de Aneirin (por volta de 600). A obra cita um guerreiro, Gorddur, que em bravura só era inferior a Artur, o que parece dar a entender que Artur já era bastante conhecido na época (BRUNEL, 1997: 101), o que é possível ver através do trecho abaixo:

Mais de trezentos dos melhores (homens) foram mortos
Ele derrubou-os pela cintura, mãos e pés
O homem mais generoso era esplêndido perante o seu
exército
Costumava partilhar cavalos do rebanho no inverno
Ele (Gordur) costumava trazer corvos ante as muralhas
da fortaleza – **embora ele não fosse Artur** –
entre os homens mais poderosos em façanhas
em frente à barreira da floresta de amieiros – (era) Gorddur
(*Gododdin*, 1995: 305, v. 1237-1244)

II.2.3. Preideu Annwvyn (anônimo)

Artur também aparece num poema do século X, *Preideu Annwvyn*, em que vai ao Outro Mundo em busca do caldeirão da abundância:



Figura 6. Caldeirão de Prata Dourada de Gundestrup. Esta peça possui imagens mitológicas de Deuses e animais. Museu Nacional da Dinamarca. Século I a.C.

O assunto está estritamente ligado ao tema do Graal, muito explorado a partir da obra de Chrétien de Troyes. A expedição não obtém sucesso e somente o rei e sete dos

seus guerreiros retornam. Segundo o poema contido no *Livro de Taliesin*: “e quando fomos com Artur (...) exceto sete, ninguém voltou da Fortaleza da Intoxicação”. O poema nomeia o Outro Mundo como a Fortaleza da Intoxicação porque lá o vinho com fagulhas era bebida corrente (ELLIS, 1992: 25). Além deste, também outros qualificativos são usados na poesia com relação ao mundo dos deuses, como Fortaleza do Temor, Fortaleza Oculta e Fortaleza do Divino Lugar, como é possível ver abaixo em *Os Despojos do Outro Mundo*, contido no *Livro de Taliesin*:

De acordo com a história de Pwill e Pryderi,
Ninguém antes dele esteve lá.
A pesada corrente azul segurava o fiel jovem.
E pelos despojos do Outro Mundo, ele cantava agudamente.
E até o Juízo Final, ele persistirá a implorar como um bardo.
Três Priddwen (6) repletos fomos até lá,
Exceto sete, ninguém voltou de Caer Sidi, o forte do Síd.

Eu sou renomado, resplandecente é minha canção, que era ouvida.
No Forte dos Quatro cantos, Quatro lados
minha poesia foi lançada fora do caldeirão
Pelo sopro de nove donzelas ele foi desperto.
Era o caldeirão do Chefe do Outro Mundo que foi procurado —
uma crista de pérolas [estava] em volta de sua borda.
Ele não cozinha a comida de um covarde, não está destinado a isso.

[...] e quando fomos com Artur — uma tarefa brilhante —,
exceto sete, ninguém voltou da Fortaleza da Intoxicação.

Sou renomado, resplandecente é minha canção, que eles escutam.
No Forte dos Quatro Cantos, Ilha da Porta Poderosa,
água corrente mistura-se em jorro,
vinho esplêndido era bebido por seus hóspedes
Três Pridwen repletas, fomos ao mar.
Exceto sete, ninguém voltou da Fortaleza do Temor.

[...] através da Fortaleza de Vidro, eles não viram a coragem de Artur.
Seis mil homens estavam erguidos nas muralhas.
Era difícil conversar com os sentinelas deles.
Três Pridwen repletos fomos com Artur.
Exceto sete, ninguém voltou da Fortaleza Oculta.
[...] Não ponho valor nos homens fracos com ferocidade deficiente.
Eles não sabem em que dia o chefe apareceu,
em que hora do dia o senhor da terra nasceu,
qual besta guardam com uma cabeça de prata.
Quando fomos com Artur — um triste conflito,
exceto sete, ninguém retornou de Caer-Ochren [o Forte Encerrado].
[...]
(*Preideu Annwvyn*, 1995: 290-291)

Pode-se ver nesta poesia, mais uma vez, a fama de Artur, e neste caso específico, a impossibilidade de o herói ser mais forte que as forças do Outro Mundo. Ao que

parece, são bem recebidos na terra dos deuses, mas ao tentar apropriar-se do símbolo principal do mundo divino, uma batalha é travada com a perda da quase totalidade da frota do rei.

O aparecimento do Graal em relatos posteriores da Baixa Idade Média, portanto, nada tem de casual e possui origem nas fontes célticas. Daí o motivo pelo qual a figura de Artur e seus cavaleiros estejam mais tarde indissociados da imagem do Graal, taça, prato ou pedra, de acordo com versões que vão de Chrétien a Wolfram von Eschenbach, passando depois pela cristianização deste elemento céltico, em obras como a *Demanda do Santo Graal*. Nesta última narrativa, o Graal torna-se o vaso com o sangue derramado por Cristo na cruz e que só pode ser encontrado por um cavaleiro virgem, puro e sem pecados, Galahad (ou Galaaz) (ZIERER, 1999:120-126).

CONCLUSÃO

Meu objetivo foi mostrar a construção da imagem de Artur nas fontes latinas e célticas. Este personagem não aparece pronto, mas vai sendo desenhado aos poucos através de diversos textos. No entanto, uma característica fundamental de Artur nos primeiros escritos é a sua ligação com o aspecto guerreiro. Se principalmente em Nennius e consolidado pelos *Annales Cambriae*, Artur é um guerreiro invencível, este aspecto se cristaliza na obra *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, que auxiliou o mito a se espalhar na Europa Ocidental e ser utilizado politicamente no fortalecimento dos monarcas, da nobreza e mesmo da Igreja Católica ao cristianizar o Graal.

Por outro lado, é possível ver que também nas fontes célticas a valentia, o poder e a generosidade estão associados aos relatos sobre Artur, como no *Goddodin*, de Aneirin e em *Kulwch e Olwen*, no qual se pode ver o grande número de guerreiros que acompanhavam Artur. Além disso, temas desenvolvidos mais tarde na literatura da Matéria da Bretanha, tais como o Graal, tem sua origem no caldeirão da abundância céltico, cuja relação com o rei Artur está atestada em *Preideu Annwvyn* (Os Despojos do Outro Mundo).

Enfim, estudar o mito arturiano nos leva por diversos caminhos e quanto mais recuamos nas fontes, maiores as possibilidades de descobertas sobre a construção de um rei perfeito que muitos desejariam que tivesse existido.

Bibliografia

Fontes:

A Canção de Rolando. Tradução de Ligia Vassalo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

Annales Cambriae. In: KOCH, John (Ed.). *The Celtic Heroic Age. Literary Sources for Ancient Celtic Europe and Early Ireland and Wales*. Massachusetts: Celtic Studies Publication, 1995, p. 288.

- GEOFFREY DE MONMOUTH. *Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne)* (HRB). (Traduite et comenté par Laurence Mathey-Maille). Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- GEOFFREY DE MONMOUTH. *Historia Regum Britanniae*. In: FARAL, Edmond. *La Légende Arthuriene – Textes et Documents*. Paris: Honoré Champion, 1929, Tomo II, p. 256-308.
- GILDAS A *Destruição da Bretanha em Elegia* (Trad. Bruno Oliveira). <http://www.ricardocosta.com/gildas.htm>
- Y Gododdin. *The Gododdin Elegies*. In: KOCH, John (Ed.). *The Celtic Heroic Age. Literary Sources for Ancient Celtic Europe and Early Ireland and Wales*. Massachusetts: Celtic Studies Publication, 1995, p. 296-337.
- Historia Brittonum* In: FARAL, Edmond. *La Légende Arthuriene – Textes et Documents: Les Plus Anciens Textes*. Paris: Honoré Champion, 1929, tomo III.
- Preideu Annwryn (The Spoils of the Unworld)* In: KOCH, John (Ed.). *The Celtic Heroic Age. Literary Sources for Ancient Celtic Europe and Early Ireland and Wales*. Massachusetts: Celtic Studies Publication, 1995, p. 290-292.
- The Historia Brittonum of Nennius* In: Giles, J.A (Ed.). *Six Old English Chronicles*. London: Henry G. Bohn, 1848.
- NENNIUS, *História dos Bretões*. Trad. de Adriana Zierer com base no texto da Internet Medieval Sourcebook. <http://www.ricardocosta.com/nennius.htm>
- Mabinogion*. (Ed. de Victoria Cirlot). Madrid: Siruela, 1988.
- Mabinogion*. (Trad. de José Domingos Morais). Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.

Obras Citadas:

- BRUNEL, Pierre. (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Ed. Bertrand, 1990.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.
- DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- ELLIS, Peter B. *Dictionary of Celtic Mythology*. Oxford: Oxford Press, 1992.
- FARAL, Edmond. *La Légende Arthuriene – Textes et Documents*. Paris: Honoré Champion, 1929, 3 Tomos.
- FURTADO, Alexandre. *Artur e Alexandre. Crônica de Dois Reis*. São Paulo: Ática, 1995.
- LOYN, Henry (Org.). *Dicionário de Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- MARKALE, Jean. *Le Roi Arthur et la Société Celtique*. Paris: Payot, 1985. 1996.
- MARKALE, Jean. *L'Épopée Celtique d'Irlande*. Paris: Payot, 1993.
- MARKALE, Jean. *Lancelot et la Chevalerie Arthuriene*. Paris: Payot, 1985.
- MARKALE, Jean. *Petit Dictionnaire de Mythologie Celtique*. Paris: Entente, 1986.
- MATTHEY-MAILLE, Laurence. "Notes" In: GEOFFREY DE MONMOUTH. *Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne)*. (Traduite et comenté par Laurence Mathey-Maille). Paris: Les Belles Lettres, 1993.

- ROMANO, Ruggiero. (Dir.). *Literatura/Texto. Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- SÉCHELLES, D. de. “L’Evolution et la Transformation du Mythe Arthurien dans le Thème du Graal”. In: *Romania*. T. LXXVIII, 1957.
- ZIERER, Adriana. *O Mito Arturiano e sua Cristianização*.
<http://www.ricardocosta.com/mito.html>
- ZIERER, Adriana M.S. *O Modelo Arturiano em Portugal: A Imagem do Rei-Guerreiro na Construção Cronística de Sancho II e Afonso III*. Dissertação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.
- ZIERER, Adriana. *A História dos Bretões de Nennius (c. 800) e sua Relevância para a Construção do Mito do Rei Artur* Anais Eletrônicos do III Encontro de História da ANPUH-ES (2000). <http://anpuhes.cjb.net>

Notas

- (1) Sobre o conceito de mito ver ZIERER, Adriana. *O Mito Arturiano e sua Cristianização*.
<http://www.ricardocosta.com/mito.html> Cf. também ZIERER, Adriana. *O Modelo Arturiano em Portugal: A Imagem do Rei-Guerreiro na Construção Cronística de Sancho II e Afonso III*. Dissertação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999, p. 26-33.
- (2) Uma das características do gênero épico é que ocorrem antecipações na narrativa que fazem o ouvinte saber o desfecho da história desde o começo. Além disso, no decorrer do relato ocorrem várias antecipações. Por exemplo, em *A Canção de Rolando*, Carlos Magno tem várias pistas sobre a traição de Ganelão (Ganelon) através de sonhos premonitórios. *A Canção de Rolando*. Tradução de Lígia Vassalo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 37.
- (3) Para maiores informações sobre a *Historia Brittonum* e a relação entre esta fonte e a *Historia Regum Britanniae*, ver ZIERER, Adriana. *A História dos Bretões de Nennius (c. 800) e sua Relevância para a Construção do Mito do Rei Artur* Anais Eletrônicos do III Encontro de História da ANPUH-ES (2000).
<http://anpuhes.cjb.net>
- (4) A caça ao javali Troynt pelo rei Artur se refere a um acontecimento que aparece numa fonte galesa, a qual remonta ao século VII, o conto *Kulhwch e Olwen*, que se encontra na obra *Mabinogion*, mostrando assim que o compilador da *Historia Brittonum* também baseou-se em fontes célticas para escrever suas *mirabilia*. Embora saibamos que se trate de um javali, é importante destacar que no texto latino a palavra que aparece é *porcus* “*Quando venatus est porcum Troynt*” (FARAL, t. 3, p. 61), que significa porco doméstico. O termo no latim para javali é *aper, apri*.
- (5) Sobre esta fonte, ver resenha sobre a obra em português. *Mabinogion*. Trad. de José D. Morais. (Resenha de Adriana Zierer) In: *BRATHAIR* – Revista de Estudos Celtas e Germânicos, 1 (1), 2001, p. 91-93, <http://orbita.starmedia.com/~brathair/Revista/N1/resenha1.htm>.
- (6) Pridwen é o nome dado à embarcação de Artur.